

Josyara regrava
com Pitty faixa de
Cátia de França

PÁGINA 3



Fernanda Torres
rouba a cena em
Santa Barbara

PÁGINA 5



Podcast sobre
crimes é sensação
no YouTube

PÁGINA 7



2º CADERNO

Coleção José Ramos Tinhorão/IMS

Por Affonso Nunes

Obra de referência sobre o Poeta da Vila, a biografia “Noel, um perfil biográfico”, de André Diniz, retorna às livrarias em edição ampliada e revisada, publicada pela Numa Editora. Além de novas ilustrações e conteúdos inéditos, a obra traz capa assinada por Mello Menezes. Lançada originalmente em 2010, a obra aprofunda a trajetória de Noel Rosa, gênio que aproximou morro e asfalto, transformando o samba em crônica poética e crítica do Rio de Janeiro.

“Noel era um compositor moderno; até hoje, algumas de suas letras permanecem atuais. Cantou a modernidade do Rio, dos carros, dos cinemas, das fábricas, convivendo com compositores dos morros numa rica troca de linguagem”, destaca Diniz.

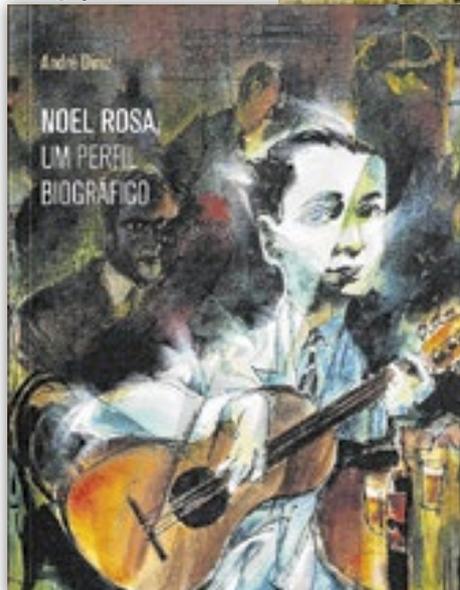
O autor enumera algumas novidades desta edição que, além da bela capa assinada pelo ilustrador Mello Menezes, inclui uma discografia comentada pelo músico e pesquisador Henrique Cazes. “A discografia comentada pelo Henrique Cazes é muito própria. Também aumentei também algumas coisas de densidade ao falar do Rio de Janeiro, da sua compreensão da cidade naquela época, sua relação com ela. Noel fez muito a cidade e a cidade fez Noel, não é? Eles são completamente imbricados um no outro. E outra coisa que eu aprofundi também é o perfil modernista do Noel, o Noel é um modernista.

Além disso, apresenta ao leitor o álbum “Noel Rosa, o poeta do samba e da cidade”, gravado em 2010 e originalmente distribuído com o livro em sua primeira edição. Agora o trabalho encontra-se disponível nas plataformas de streaming, podendo ser acessado via QR Code publicado nesta edição atualizada.

Continua na página seguinte



Divulgação



Noel Rosa
numa
escotilha
do estúdio
da Rádio
Mayrink
Veiga
em foto
publicada
na extinta
revista
Carioca em
dezembro
de 1935

O cronista musical do Rio Antigo

‘Noel, um perfil biográfico’, de André Diniz, ganha edição ampliada e celebra o legado modernista do Poeta da Vila

CORREIO CULTURAL

‘Noel trabalha na literatura dele com a linguagem do cotidiano’



Divulgação

Atuação de Mikey Madison é destaques em ‘Anora’

A caminho do OPscar, ‘Anora’ fatura o PGA de Melhor filme

O Sindicato dos Produtores da América, PGA, consagrou “Anora”, de Sean Baker, e deu ao longa o prêmio de melhor filme no último fim de semana. Horas antes, a história da stripper de Nova York, vivida por Mikey Madison, que se envolve com um bilionário russo havia ganhado o DGA Awards, o prêmio dos diretores.

Sucesso nacional

“O Auto da Compadecida 2” se tornou um sucesso de bilheteria, atingindo a marca de 4 milhões de espectadores. O filme, estrelado por Selton Mello e Matheus Nachtergaele, já é a segunda maior bilheteria nacional desde a pandemia.

Sucesso nacional III

Atualmente, o filme está atrás de “Ainda Estou Aqui”, longa de Walter Salles protagonizado por Fernanda Torres e também com Selton Mello, que atraiu 4,16 milhões de espectadores às salas de cinema desde sua estreia em novembro.

O prêmio do sindicato é considerado um forte indicador para o Oscar, particularmente na categoria de melhor filme.

O longa estava no páreo do PGA com “O Brutalista”, “Um Completo Desconhecido”, “Duna: Parte 2”, “Emilia Pérez”, “A Verdadeira Dor”, “Setembro 5”, “Wicked”, “A Substância” e “Conclave”.

Sucesso nacional II

Baseado na obra do mestre Ariano Suassuna, o longa original, lançado em 2000 e também dirigido por Guel Arraes, levou 2,1 milhões de pessoas aos cinemas. Sua sequência, que estreou em 25 de dezembro de 2024, superou essa marca.

Sucesso nacional IV

Se mantiver o ritmo, “O Auto da Compadecida 2” pode ultrapassar “Ainda Estou Aqui”, embora este tenha sido impulsionado pela campanha ao Oscar. A comédia tem no elenco Virgínia Cavendish, Humberto Martins, Eduardo Sterblitch e Taís Araújo.



Sérgio Bonelli/Divulgação

O pesquisador carioca André Diniz durante noite de autógrafos do lançamento da edição ampliada de seu livro, que destaca a modernidade na obra de Noel Rosa

Nascido em Vila Isabel, Noel Rosa (1910–1937) teve uma vida breve, mas construiu um legado impressionante: 259 composições que redefiniram a música popular brasileira. Suas parcerias com Braguinha, Ismael Silva, Orestes Barbosa, Cartola e Vadico resultaram em obras-primas que seguem influenciando gerações.

“Por mais que ele não convivesse na academia, aquela coisa toda, Noel trabalha na literatura dele com a linguagem do cotidiano, as palavras usuais”, sustenta André Diniz.

Esse olhar cotidiano, reforça o autor, se refletia no Rio que Noel conheceu e tão bem descreveu. “Ele é um grande flaneur da cidade. As descrições que ele faz do Rio se seu tempo, o modernismo que ele acompanha. E ele tinha certa cons-

ciência disso. Ele falava isso. “Ele achava que o samba estava dentro dessa questão moderna do país”. Um exemplo disso são suas composições em refrão como a célebre “Conversa de Botequim”.

André Diniz destaca que esse olhar moderno do Poeta da Vila se refletia até mesmo em sua vida afetiva. “A mulher dele (Lindaura) é uma mulher mundana. Não é uma mulher parnasiana, idílica. Era uma mulher real. Uma mulher do cotidiano, da vida, da boate, da boêmia. A amada dele é isso. Então ele muda também essa coisa da relação com o olhar da mulher”, reflete.

Como bem observa o historiador Luiz Antonio Simas, o livro de Diniz mostra como Noel “testemunhou, atuou e ajudou a construir a história de um Rio de Janeiro que assistiu à transição entre o Brasil rural da Primeira República e um país

cada vez mais urbano, complexo e multifacetado.”

Multifacetado como o próprio Noel, que chegou a cursar medicina antes de se entregar definitivamente à música. Foi no rádio, em ascensão nos anos 1930, que encontrou um meio de viver de sua arte, embora sua boemia fosse tão marcante quanto sua obra. “O samba, para Noel, já atingira outro patamar na sociedade brasileira: era a música do malandro, da dona de casa, dos pobres dos morros e subúrbios, dos intelectuais e dos ‘elegantes’, que passaram a ouvi-lo nos discos e no rádio”, ressalta Diniz.

Noel Rosa revolucionou o samba ao unir lirismo, humor e crítica social. Suas letras capturaram o espírito carioca e as contradições de seu tempo, consolidando-o como um dos maiores nomes da música brasileira apesar de sua trajetória tão curta.

Josyara, voz e violão sem medo do novo

'Ensacado', de Cátia de França, ganha releitura em dueto cantora baiana em dueto com Pitty

Por **Affonso Nunes**

Acaba de chegar às plataformas digitais "Ensacado", o primeiro single de "Avia", álbum que a cantora e compositora Josyara lança em abril. A música, originalmen-



O single antecipa 'Avia', terceiro álbum de Josyara, com lançamento previsto para abril

te composta por Cátia de França e Sérgio Natureza, ganhou novo arranjo e integra o repertório de dez faixas do disco, que conta com produção musical da própria Josyara em parceria com Rafael Ramos.

Na faixa Josyara não apenas reinterpreta a canção como imprime sua marca pessoal. Além da batida característica do violão de Josyara, "Ensacado" tem a participação es-

pecial de Federico Puppi no violoncelo.

Sobre a escolha da música, explica: "Cátia de França sempre foi uma referência pra mim. Seu disco '20 Palavras ao Redor do Sol' me marcou muito, especialmente quando cheguei a São Paulo, em 2014, e comecei a resgatar memórias de Juazeiro. Essa música, em particular, me inspira força, resiliência e a coragem de abandonar o

que é preciso para seguir em frente". Além da força do novo arranjo, Josyara convidou Pitty, sua conterrânea, para um dueto que revela uma conexão poderosa.

Terceiro álbum autoral da artista, "Avia" reforça sua identidade como compositora, intérprete e produtora, trazendo canções autorais e parcerias com colegas da cena contemporânea. Josyara é artista ousada sem medo de explorar novos caminhos musicais. Mesmo cultivando raízes firmes em suas origens, não deixa de mirar o futuro. Sua trajetória é marcada pela autenticidade seja na composição seja na interpretação.

Nascida em Juazeiro, a mesma cidade que nos deu João Gilberto, ela carrega em sua música influências que vão do samba ao rock, passando por ritmos regionais e sonoridades experimentais.

Começou a ganhar destaque com o álbum "Mansa Fúria" (2018), onde uniu poesia e música em canções que exploram temas como identidade, resistência e ancestralidade. O trabalho foi aclamado pela crítica e consolidou seu lugar como uma artista singular. Em 2022, lançou "ÀdeusdarÁ", disco que aprofundou sua conexão com as raízes brasileiras, mesclando tradição e modernidade.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Clima de retorno

Destaque do R&B, Givëon acaba de lançar single e clipe da faixa "Twenties". A faixa, produzida por Sevn Thomas, Mancesh Bidaye, Jahaan Sweet, Matthew Burnett e Jeff Gitty, é a primeira do artista de Long Beach (EUA) desde 2022. Com "Twenties", o artista mantém a intensidade emocional de suas criações. O anos de 2025 marca o quinto aniversário de seu projeto de estreia, "Take Time", seguido pelo aclamado "When It's All Said and Done... Take Time" e, por fim, seu álbum de estreia, "Give or Take" (2022).

Divulgação

MKMI Photo/Divulgação



Mensagem do Haiti

Um canto de união e luta. Esse é o ponto de partida de "Kriminèl", novo single do rapper e ativista haitiano Vox Sambou, que chega às plataformas digitais. Acompanhada de videoclipe, a canção carrega uma mensagem urgente e mistura ritmos haitianos com influências congolenses, hip-hop e afrobeat. A faixa apela aos haitianos para que se unam e despertem face às forças que perturbam a sua paz. "A canção é um reflexo poderoso das lutas contínuas do Haiti e um apelo à ação coletiva", destaca o artista, que lança em abril o álbum "Hayti Lives".



Divulgação



Quando Olinda pulsa

"Tudo que eu vejo, sinto e ouço no período carnavalesco aqui em Olinda e faz o coração pulsar: a cultura, a euforia, o caos". É assim que Léo da Bodega define o "Som das Ladeiras", novo single que já está disponível e foi produzido pelo Los Brásileros, o trio de produtores vencedor de dois Grammys ao lado de Karol G. De clima eufórico, a música levanta a bandeira de Olinda ao abordar a resistência, a força e a importância de todas as culturas que permeiam as ladeiras: as galeras, o papangu, a 'la ursa', a orquestra, o terno, os vaqueiros da cidade e as favelas.

Consagração no Goya e em Roterdã, a reboque da arrecadação milionária de 'Ainda Estou Aqui' ampliam prestígio autoral do cineasta

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Sábado à noite, enquanto lotava salas com o impulso extra da semana de cinema a R\$ 10, o imparável "Ainda Estou Aqui" conquistou o troféu Goya de Melhor Filme Ibero-americano, na Espanha, e o prêmio de júri popular do Festival de Roterdã, na Holanda, ao passo que sua arrecadação internacional transborda. Sua receita planeta adentro já passa dos US\$ 22 milhões. A venda de ingressos da fita no mercado nacional arranha 4,5 milhões, e as cifras não param de subir, sobretudo depois de suas três indicações ao Oscar.

No dia 2 de março, em Los Angeles, a produção baseada no romance homônimo de Marcelo Rubens Paiva (de "Feliz Ano Velho") vai concorrer às estatuetas de Melhor Filme, Melhor Filme Internacional e Melhor Atriz - indicação que consagra Fernanda Torres em âmbito mundial.

Seu nome hoje é visado por Hollywood, em especial depois da conquista do Globo de Ouro, entregue a ela em janeiro. Neste domingo, vem o Bafta, a honraria máxima da indústria cinematográfica britânica, e o longa-metragem brasileiro estará lá, competindo como Melhor Filme de Língua Não Inglesa. Tanto êxito só faz subir o cacifê autoral de seu realizador, o carioca Walter Salles, hoje com 68 anos.



Waltinhomania

"Minha geração chegou ao cinema após 21 anos de ditadura militar. Muitas histórias não puderam ser contadas durante esses anos de chumbo", lembra Salles, em entrevista por e-mail ao Correio da Manhã, ao explicar seu interesse em filmar a saga da advogada e ativista Eunice Paiva (1929-2018), mãe de Marcelo, em sua batalha contra a autoridade militar instaurada no Poder em 1964. "Teria sido lógico abordá-las, mas o desastre do governo Collor no início dos anos 1990 nos obrigou a lidar com uma realidade imediata de um país novamente em crise. Quando a extrema direita começou a ganhar força no Brasil, ficou claro o quanto nossa memória dos anos de ditadura militar era frágil".

Eunice vivia na plenitude, no Rio do início da década de 1970, quando o marido, o engenheiro e ex-deputado Rubens Paiva (papel interpretado por Selton Mello), foi levado para depor por agentes armados. Nunca mais voltou. Eunice nunca parou de procurar a verdade sobre o que se passou com ele, formando-se em Direito a fim de ter munção para combater a pátria de farda verde oliva. O filme resgata esse périplo, apoiado na montagem

“Quando a extrema direita começou a ganhar força no Brasil, ficou claro o quanto nossa memória dos anos de ditadura militar era frágil”

Walter Salles

de Affonso Gonçalves.

Eleito Melhor Filme de 2024 por duas associações de críticas do país (a ACCRJ e a Abraccine), "Ainda Estou Aqui" marcou a volta de Waltinho (como é apelidado) aos longas de ficção após um hiato de 12 anos. Ele afastou-se dos holofotes depois do lançamento de "Na Estrada" ("On The Road"), adaptação do cult literário de Jack Kerouac (1922-1969), que concorreu à Palma de Ouro de 2012. Essa produção, com um elenco estelar (Kristen Stewart, Viggo Mortensen, Alice Braga, Amy Adams, Elisabeth Moss, Steve Buscemi, Garret Hedlund), pode ser vista hoje no streaming Prime Video, da Amazon (em parceria com a rede Telecine).

Nesse período de ausência das produções ficcionais, Waltinho lançou o doc "Jia Zhangke, um Homem de Fenyang" (2014) e rodou curtas ("Quando a Terra Treme"). Como produtor, assinou os créditos

do documentário "Marinho das Montanhas", de Karim Aïnouz, e da animação "Arca de Noé", de Sergio Machado e Alois Di Leo.

Plataformas digitais hoje mantêm seu legado ativo, com destaque para "Central do Brasil", que deu a ele o Urso de Ouro da Berlinale, em 1998, e concorreu ao Oscar em 1999, com indicação ainda para a diva Fernanda Montenegro (mãe de Torres, que divide com ela o papel de Eunice, em "Ainda Estou Aqui"). Há 26 anos, a produção centrada na jornada da escrevinhadora de cartas Dora perdeu para "A Vida É Bela", do italiano Roberto Benigni. Fernandona foi preterida em favor de Gwyneth Paltrow, em "Shakespeare Apaixonado".

"Central..." vendeu 1.186.859 entradas em sua carreira comercial, no fim dos anos 1990, e faturou cerca de US\$ 22 milhões mundialmente. Hoje pode ser visto na Netflix, na Amazon e no Globoplay.

Sua forma de mesclar melodrama com procedimentos documentais, amparado num olhar sobre as urgências e carências do Brasil da década de 1990 deflagrou o movimento chamado de A Nova Onda Latino-Americana, que revelou autoridades (Lucrecia Martel, Pablo Trapero, Fernando Meirelles, Alejandro González Iñárritu) em variadas latitudes do continente.

Antes de "Central...", Walter despontou nas páginas dos cadernos de cultura da Europa e dos EUA com um thriller também estrelado por Fernanda Torres, "Terra Estrangeira" (1995), que pode ser visto na Netflix.

Em sua 14ª semana em cartaz no Brasil, ocupando mil salas, "Ainda Estou Aqui" lidera há três semanas as bilheterias de Portugal. Na França, já se aproxima dos 200 mil espectadores. Nos Estados Unidos, expandiu seu circuito para 500 salas. Na América Latina, o longa já se espalha pelo México, pelo Chile, pela Venezuela e pela Bolívia. No dia 13, é a vez da abertura na Colômbia, e, no dia 20 de fevereiro, estreia na Argentina, no Peru, no Uruguai, na República Dominicana e no Equador. A cada novo lançamento, mais força a grife Walter Salles alcança.

Brasileira rouba cena em festival, com premiação ao lado de Ariana Grande

Por Fernanda Ezabella (Folhapress)

No mundo encantado de Fernanda Torres, nas alturas das galas hollywoodianas, existe espaço para fantasias de Carnaval, jogos de curling e papo sério sobre ditadura, além de momentos mágicos, como um abraço apertado na popstar Ariana Grande. “Ela tem um senso de humor incrível, ela é a patricinha de Beverly Oz”, disse Torres à reportagem sobre Ariana, protagonista de “Wicked”, após um encontro glorioso das duas no tapete vermelho do Festival de Cinema Internacional de Santa Barbara, uma cidade costeira a 150 km de Los Angeles. As duas atrizes receberam um prêmio do festival pela carreira, chamado Virtuoso, ao lado de outros seis atores americanos, quase todos indicados ao Oscar, na noite de domingo.

De vestido longo Chanel, Torres era a única a falar inglês como segunda língua. E, mesmo assim, trouxe uma desenvoltura deliciosa. Foi marcadamente o oposto de suas colegas de prêmio, em especial Selena Gomez que, apesar de tão expansiva em “Emilia Pérez”, surgiu acanhada e monossilábica. Até Mikey Madison, a stripper desbocada de “Anora”, parecia tímida.

Mas para Fernanda, indicada ao Oscar por “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles, não é competição. Ela é generosa, engraçada e naturalmente a alma da festa. “Foi um milagre eu ter sido indicada. É um ano tão incrível para mulheres no cinema. Deveriam ter dez lugares na categoria para serem justos com a gente”, disse.

A brasileira, assim como os outros premiados, foi entrevistada sozinha no palco por alguns minutos, na frente de uma plateia lotada. Torres brincou que, depois da surpresa da vitória no Globo de Ouro, não teve “coragem” de voltar ao Brasil. “Estou evitando, escapei para Lisboa”, riu, engatando uma história sobre o tamanho da sua popularidade no país, que a fez virar fantasia de carnaval.

Inundada de aplausos calorosos, ela interrompeu para tentar seriedade. “Mas é um filme sério, vamos voltar ao filme”, pediu. O papo verteu então para a mãe Fernanda Montenegro, que faz a personagem de Torres na velhice, ao final do filme. “Quando Walter me convidou, achei que ele queria que eu tra-



Da esquerda para a direita, John Magaro, Sebastian Stan, Monica Barbaro, Ariana Grande, Selena Gomez, Mikey Madison, Fernanda Torres e Clarence Maclin foram homenageados com o prêmio Virtuoso concedido pela 40ª edição do Festival Internacional de Cinema de Santa Barbara (EUA)

Fernanda Torres no topo do mundo

‘Emilia Pérez’ perdeu a magia, diz atriz

A atriz Selena Gomez disse que não se arrepende de ter feito “Emilia Pérez”, mas admitiu que o brilho do filme foi ofuscado pelas polêmicas das últimas semanas. “Parte da magia desapareceu”, lamentou a atriz durante participação no Festival de Santa Barbara. “Mas eu escolho continuar a ter orgulho do que fiz. Vivo sem arrependimentos e faria esse filme de novo e de novo.”

Sua colega de filme, a espanhola Karla Sofia Gascón, primeira atriz trans indicada ao Oscar, foi convidada para o mesmo evento, mas não apareceu. Gascón foi o centro da crise da campanha do filme ao Oscar ao acharem mensagens racistas que ela postou na internet anos atrás. Selena teria até mesmo sido o alvo de uma das mensagens, na qual a chamava de “rata rica”, mas Gascón negou que essa fosse verdadeira.

Gomez estava bastante acanhada no evento, mas disse estar gostando de focar na carreira de atriz e que não sabe quando voltará à carreira de cantora. “Vai ser difícil para mim voltar à música depois disso”, disse, causando surpresa na plateia. **(F.E.)**

balhasse no roteiro. Fiquei muito comovida em ser chamada para o papel.”

Ao ser questionada porque ficou tanto

tempo longe do cinema, falou do seu sucesso na TV com as séries de comédia “Os Normais” e “Tapas & Beijos”, que tomaram

sua vida. “Fiquei tão popular que achei que eu já era para o Walter. Mas o Walter não vê televisão”, disse, arrancando risadas do público. “Ele ainda tinha aquela memória minha antiga”, continuou, se referindo a quando trabalharam juntos em “Terra Estrangeira”, de 1995.

Salles convidou Torres para o papel de Eunice Paiva, mulher de Rubens Paiva, ex-deputado que foi assassinado pela ditadura militar. “Achei que isso nunca mais aconteceria na minha carreira. E o Walter me salvou para o drama de novo. Estou de volta”, declarou.

Ao final do evento, todos os atores voltaram ao palco para responder uma série de perguntas leves, como qual esporte gostariam de competir nos Jogos Olímpicos, já que o filme “Setembro Cinco”, indicado ao Oscar, se passa nos Jogos de Munique de 1972. Torres não teve dúvida: “Curling”, respondeu, mais uma vez fazendo o público rir. Ao seu lado, o ator John Magaro se juntou: “Eu também, porque sou um grande varredor”, disse. E a brasileira não perdeu a deixa: “Mas então vamos montar um time!”

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

É tempo de Berlimale. A 75ª edição do festival alemão começa nesta quinta, com a projeção de “Das Licht” (“The Light”), de Tom Tykwer, e, com sua inauguração, sucessos recentes de suas competições passadas voltam ao holofotes, sobretudo ao streaming. É o caso de “What Do We See When We Look at the Sky?”, que ganha a ribalta da Mubi quatro anos depois de passar pela disputa pelo Urso de Ouro e arrebatou o Prêmio da Crítica, atribuído pela Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica (Fipresci).

Existe um hábito antigo no Brasil, meio como numa credence de estradas, de se usar frases de instantânea beleza em para-choques de caminhões, incluindo aí um aforismo de Victor Hugo: “A palavra, como se sabe, é um ser vivo”. “What Do We See When We Look at the Sky?” traz uma narração aforística cheia de frases como ao autor de “Os Miseráveis”. Talvez porque, em certa medida, a produção georgiana apresentada na Berlimale 2021 - onde injetou lirismo em veredas esturricadas de realismo - seja também um para-choque para a Scania (famosa marca de caminhões) do sobrenatural. Parte de uma metonímia literária para se abrir à invenção mais desvairada.

Seu diretor, Alexandre Koberidze, fez um filme nas raias da magia, onde o inusitado dita as regras das relações interpessoais, apostando na força da fotografia de Faraz Fesharaki para explorar o colorido (quase sempre de uma aparência sépia) de espaços abertos e de ambientes íntimos.

É uma narrativa que valoriza ao máximo a geografia a seu redor, mas sem abrir mão dos verbos, dos substantivos, de raros advérbios e adjetivos, tratando a fala com especial atenção, reconhecendo-a como parte sinestésica da dinâmica cinemática, pelo efeito do som, pelo efeito poético. Koberidze assume, já nas primeiras cenas, que a mais aconchegante casa que uma palavra pode encontrar é a literatura. Tanto é que um poema do brasileiro Paulo Leminski poder ser um farol preciso para iluminar a floresta de signos que o diretor georgiano criou a partir de um livro aberto: “Leite, leitura / letras, literatura, / tudo o que passa, / tudo o que dura / tudo o que duramente passa / tudo o que passageiramente dura / tudo, tudo, tudo / não passa de caricatura / de você, minha amargura / de ver que viver não tem cura”. Tampouco o cinema, como comprova a potente seleção desta Berlimale e as recentes incursões da Geórgia no cinema, em especial as criações da cineas-



‘What Do We See When We Look at the Sky’ flerta com o inusitado da paixão

Encantamento como estado de exceção

De olho em achados recentes da Berlimale, a Mubi resgata ‘What Do We See When We Look at the Sky?’, cult do realismo mágico da Geórgia

ta Dea Kulumbegashvili (“April”).

Tudo o que se passa em “What Do We See When We Look at the Sky?” é responsabilidade de um livro que cai no chão, abrindo uma progressão aritmética de acontecimentos, muitos deles na chave do querer, do beijo na boca, do beijo que não cabe em bocas que não se tocam. A partir do desencanto – forçado por um evento metafísico digno de Luis Buñuel – de um quase casal, um corriqueiro enredo de boy meets girl vira uma árvore de signos, como vem sendo a tônica de alguns grandes filmes da Geórgia nas telas.

Basta pensar no poderoso “Beginning” (“Dasatskisi”), da supracitada Dea Kulumbegashvili, ganhador da Concha de Ouro do Festival de San Sebastián de 2020. Aliás, essa investigação contemplativa e silenciosa sobre opressão feminina também está em cartaz na MUBI. Tal qual fez a estreante Dea, Koberidze também envereda por trilhas místicas, embora não necessariamente bíblicas. Silêncio não é, no caso dele, uma virtude, em parte porque existe no realizador de “Colophon” (2015) uma necessidade de se ressignificar a palavra no audiovisual.

Doses de realismo mágico

Seu estonteante “What Do We See When We Look at the Sky?” (“Ras vkhedavt, rodesac cas vukurebt?” no original) é um bálsamo de lirismo. Sua forma de narração se impõe como um analgésico para as enxaquecas de uma Eurásia pós-pandêmica, ao apostar numa dose de realismo mágico. Só o quebra-cabeça gerado pela troca de aparências de seus protagonistas já rende encanto suficiente para alimentar o interesse por sua investigação acerca da nossa habilidade de nos deixar levar pelo encantamento.

Depois de “Let the Summer Never Come Again” (2017), Koberidze aposta

numa suspirante história de afagos que não pode se realizar por conta da Natureza. Na trama, um casal de jovens, Lisa e Giorgi, que se esbarra na rua, e deixa cair um livro, fica encantado e marca um encontro. Os dois vão para um date mas não conseguem se ver. O motivo: da noite para o dia, eles mudaram de forma. É uma espécie de feitiço, no efeito do abrir do livro, que muda tudo o que se passa naquele mundinho onde vivem, refletindo as transformações sociais e políticas daquela nação. Um mundinho apaixonado por futebol, mas também pelo ato de ler. Vinhetas, lendas e um narrador onisciente conversam conosco, dando a essa fábula uma aparência de hipertexto da web, unindo tradição e contemporaneidade. É algo similar ao que se viu no monumental “Your Name” (2016), de Makoto Shinkai. A diferença é que a animação japonesa tinha uma célula sci-fi. Já Koberidze é a antítese da ciência, é a causa que não se explica, mas se vive e se frui, na suspensão da descrença mais radical.

O www.mubi.com revisita a Berlimale em sua grade ainda com o documentário “Dahomey”, da franco-senegalesa Mati Diop, laureado com o Urso de Ouro de 2024, e o espanhol “Alcarràs”, de Carla Simón, que venceu o evento em 2022.

Por Adrielly Souza (Folhapress)

“Diretamente de um dos endereços mais famosos do Brasil, de um dos principais cartões-postais da cidade de São Paulo (...).” Praticamente todas as produções de sucesso na televisão têm uma chamada marcante e, mesmo sendo um canal na internet, com ele não seria diferente.

Se você já ouviu essa introdução, narrada por uma voz que causa arrepios até nos mais corajosos, sabe que o que vem a seguir são histórias sobre assassinatos, violência e serial killers.

Roberto Ribeiro Severino é produtor e apresentador de um dos canais mais populares do país entre os fãs de true crime. Com mais de 1,3 mil vídeos publicados no YouTube, Beto Ribeiro, como é conhecido, acumula milhões de visualizações e seguidores interessados em casos de crimes reais.

Ele conta à reportagem que o que o motivou a criar o canal foi sua própria curiosidade. “Eu me perguntava o que levava alguém a cometer um assassinato, como as vítimas eram escolhidas. Só não imaginava que tanta gente também se interessava por esse tema”, admira-se.

Beto trabalhou no mundo corporativo, atuando em escritórios de grandes empresas do varejo. Apesar do interesse por crimes e suspense, nunca imaginou que poderia transformar essa paixão em carreira. “Sempre gostei de filmes sobre assassinos em série, mas apenas como espectador. Nunca me via falando sobre isso”, diz.

A virada aconteceu em 2010, quando recebeu o convite para dirigir o programa Operação de Risco, exibido na RedeTV!, que retrata a rotina de policiais militares de São Paulo. A experiência o aproximou ainda mais do universo criminal.

“Nunca gostei do corre-corre da polícia, tanto que fiquei apenas dois anos na direção do programa. Foi ali que percebi o enorme público interessado em entender histórias de crimes”, explica.

Desde então, consolidou sua carreira como roteirista e diretor de produções voltadas ao tema, assinando projetos como “Caso Pesseghini - Investigação Criminal” (2021), “Anatomia do Crime” (2017) e “Divisão de Homicídios” (2013).

Em 2022, já com um currículo de respeito no audiovisual, Beto decidiu mudar novamente de direção. Após anos trabalhando para emissoras e produtoras, optou por criar seu próprio canal no YouTube.

“A plataforma já era gigantesca quando a



Beto Ribeiro acumula milhões de visualizações e seguidores interessados em casos de crimes reais

O mestre do ‘true crime’

Apresentador Beto Ribeiro transforma canal de YouTube em fenômeno na internet, abordando comportamento humano e a violência por trás de assassinatos

conheci, e me encantei com o formato. Meu marido sugeriu que tentássemos, porque as pessoas gostavam da minha voz e da forma como eu explicava os casos”, relembra. “Comecei abordando histórias que me interessavam: pais que matam filhos, maridos que assassinam a esposa... O que me fascina é como o amor pode se transformar em um desejo profundo de destruição. O crime é o ápice do

ódio e do rancor. Meu foco sempre foi entender o comportamento humano.”

Com o apoio do marido, Aruay Goldschmidt, o canal rapidamente se tornou um sucesso e sua principal fonte de renda. Atualmente, Beto soma mais de 1,5 milhão de inscritos e mantém uma média de 600 mil visualizações diárias. Além dos vídeos gravados, realiza transmissões ao vivo para seus

espectadores.

Segundo o youtuber, a participação de especialistas, como a perita Rosângela Monteiro, o psicólogo Carlos Faria e o escritor Ullisses Campbell, agrega profundidade ao conteúdo, oferecendo uma análise detalhada do comportamento criminoso. “Sempre tento me colocar no lugar de quem está assistindo. Mesmo que eu já conheça o tema, pergunto ao especialista como se estivesse ouvindo pela primeira vez. Isso faz toda a diferença”, afirma.

Um dos quadros de maior destaque do canal, “Que Crime é Esse?”, investiga casos reais por meio de entrevistas com vítimas e análises dos processos judiciais. Beto destaca o cuidado na abordagem. “A forma como posicionamos a câmera, o enquadramento, a iluminação; tudo é pensado para que as pessoas se sintam confortáveis ao contar suas histórias. O choro pode vir, mas ninguém deve sair destruído”, explica.

Para manter a produção intensa - são cerca de 12 vídeos por semana -, Beto grava diariamente e estuda cada caso antes de apresentá-lo. Ele admite que precisou aprender a se blindar emocionalmente.

“O crime pelo crime, se você fica assistindo o dia todo, acaba insensível. Agora, analisar um assassinato, tentar entender a cabeça de um serial killer, é mentalmente exaustivo”, reflete. “Por outro lado, quando recebo mensagens de pessoas dizendo que meu canal as ajudou a reconhecer um relacionamento abusivo, por exemplo, sinto que tudo vale a pena.”

Nas redes sociais, não faltam elogios ao ritmo das entrevistas, à clareza das explicações e ao cuidado com a escolha das palavras. “Eu queria que toda mulher em um relacionamento abusivo conhecesse o canal do Beto Ribeiro”, escreveu uma seguidora. Outros elogiam a qualidade do conteúdo e a forma como o apresentador conduz as histórias. “A narração do Beto Ribeiro é muito boa”, comentou outro usuário.

O público também reage às entrevistas mais impactantes. “Meu Deus, a entrevista do Beto Ribeiro com a menina que foi mantida em sequestro pelos Canibais de Garanhuns é simplesmente a mais pesada que já assisti no canal dele! Essa menina sofreu tanto... e o sofrimento não parou ao sair daquele inferno... Senhor!”, escreveu outra fã do canal.

O que começou como um projeto em casal se tornou um dos principais canais de true crime do país, com uma audiência fiel e uma equipe de cerca de 10 profissionais. Com uma produção cada vez mais estruturada, o sucesso do canal reflete a demanda por conteúdos que vão além da notícia, aprofundando a compreensão sobre crimes e seus desdobramentos.

O maluquinho por trás do menino



O espetáculo escrito por Fernando Caruso perpassa a vida e obra de Ziraldo assim como a de seus personagens inesquecíveis como o Menino Maluquinho

Espectáculo infantojuvenil do Grupo Tápias mescla teatro, dança, música e projeções para celebrar a vida e obra do icônico cartunista morto no ano passado

Por **Affonso Nunes**

A temporada de “Ziraldo – O Mineiro Maluquinho” chega à sua última semana em cartaz no Sesc Tijuca. Com texto original de Fernando Caruso, o espetáculo convida crianças e adultos a mergulharem no universo criativo de um dos maiores nomes da literatura e do cartum brasileiro.

No palco, a trajetória deste gênio do traço brasileiro ganha vida de forma lúdica e interativa. Atores e bailarinos exploram temas como

amizade, criatividade e a importância da leitura, conduzindo o público por um passeio entre os personagens inesquecíveis do autor. Turma do Pererê, Menino Maluquinho e Bichinho da Maçã se encontram nesta montagem capaz de encantar os miúdos e despertar aquela sensação gostosa de nostalgia junto ao público adulto, pois o artista plástico mineiro esteve presente na vida de crainças de várias gerações.

Além de revisitar momentos marcantes da vida do cartunista, a peça percorre sua obra em ordem cronológica, combinando dança, música e projeções para transfor-

mar o palco em um verdadeiro livro vivo.

A direção artística e geral é assinada por Giselle e Flávia Táppias, que também criam as coreografias. Mãe e filha, coreógrafas mundialmente reconhecidas, dividem o comando desta produção especial. “É uma honra enorme desenvolver esse trabalho inspirado em um ícone brasileiro que deixou um legado tão significativo. Misturar dança, teatro e música para dar vida às suas histórias abre caminhos para novas possibilidades artísticas”, destaca Flávia Táppias.

Para Fernando Caruso, que assina o texto e as músicas originais do espetáculo, o projeto tem um sabor especial. Filho do cartunista Chico Caruso, ele cresceu cercado pelas criações de Ziraldo. “Escrever sobre ele é como entrar em um parque de diversões. Cada uma de suas obras tem força para sustentar uma peça inteira. Espero que o pú-

blico saia do teatro com vontade de revisitar seus livros e descobrir novas histórias”, comenta o autor.

Produzido pelo Espaço Tápias, em parceria com o Dança em Trânsito, Instituto Ziraldo e Ziraldo Arte e Produções, o espetáculo é uma homenagem à genialidade do cartunista e um convite ao universo da leitura e da imaginação.

Nascido em 1932 em Caratinga (MG), Ziraldo Alves Pinto foi um dos mais importantes cartunistas, escritores e ilustradores do Brasil. Destacou-se pela genialidade ao criar histórias que atravessaram gerações, combinando humor, crítica social e uma estética marcante.

Iniciou sua carreira como chargista em jornais e revistas na década de 1950, mas foi com a criação da “Turma do Pererê” – a primeira revista em quadrinhos brasileira totalmente colorida e com personagens genuinamente nacionais

– que conquistou notoriedade. Seu maior sucesso, no entanto, veio em 1980 com “O Menino Maluquinho”, livro que se tornou um fenômeno da literatura infantojuvenil, adaptado para teatro, cinema e TV.

Além de escritor e ilustrador, Ziraldo foi também jornalista, publicitário e ativista cultural. Com traços inconfundíveis e uma narrativa envolvente, suas obras continuam a encantar leitores de todas as idades, consolidando seu legado como um dos grandes nomes da cultura brasileira.

SERVIÇO

ZIRALDO - O MINEIRO MALUQUINHO

Sesc Tijuca (Rua Barão de Mesquita, 539)

Até 16/2, sábado e domingo (16h) | Ingressos: R\$ 30, R\$15 (meia) e R\$ 7,50 (associados Sesc)